

A PRODUÇÃO DO TEXTO NARRATIVO ÀS MARGENS DO RIO GUAMÁ

PRODUCTION OF NARRATIVE TEXT ON GUAMÁ RIVER MARGINS

Maria Inês Batista Campos¹
Cristiane Dominiqui Vieira Burlamaqui²

Resumo: Neste artigo, tomamos por base conceitos advindos da teoria bakhtiniana, 2017 [1970-71], 2015 [1930-36], 1996 [1965]; Pavel N. Medviédev, 2012 [1928]; Valentin Volóchinov, 2017 [1929], a fim de compreender a linguagem em seu caráter indissociável com a vida social. Para exemplificar essa forma escrita, apresentamos textos verbo-visuais narrativos, recolhidos da produção de estudantes de uma escola pública de Belém do Pará. O objetivo é analisar o modo de organização narrativa dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, em torno do tema trajeto casa/escola. O resultado obtido frente à proposta didática retoma as tensões entre a cultura ribeirinha e a cultura eurocêntrica. Ao contar suas histórias reais, os alunos-autores desempenham um papel de testemunhas da vida na várzea, e o rio Guamá adquire um papel central em suas vidas, por ser o único acesso que lhes permite estabelecer um elo entre duas diferentes realidades. Alguns aspectos da materialidade semiótica ajudam a compor o texto narrativo, trazendo numa dupla tensão entre a cultura popular e a escolar, o confronto entre várzea e cidade. A solução criativa dos estudantes para o texto é usar ora o desenho colorido ora em preto e branco. De comunidades nos vários igarapés e ilhas, os jovens autores estão interligados pela singularidade dos percursos que trilham para chegar e sair da escola.

Palavras-chave: Cultura; Enunciado concreto; Narrativa escolar.

Abstract: In this article, we used some concepts from the dialogical theory of discourse by Mikhail Bakhtin, 2017 [1970-71]; 2015 [1930-36], 1996 [1965]; Pavel N. Medviédev, 2012 [1928]; and Valentin Volóchinov, 2017 [1929], in order to understand language in its inseparable nature from social life. To exemplify this written form, we present narrative verbal-visual texts, collected of students' production, from a public school in Belém do Pará State in Brazil. The goal is to analyse the way 6th year-students of elementary school organize their narrative texts, about the theme "home and school path". The result achieved with the didactic proposal approach the tensions between the riverside culture and the Eurocentric culture. By telling their real stories, the student-authors play the role as witnesses of life in the floodplain, and the River Guamá takes on a central role in their lives since it is the only access that allows them to establish a link between two different realities. Some aspects of semiotic materiality help to compose the narrative text, bringing in a double tension between popular culture and school, the confrontation between the floodplain and the city. The students' creative solution to the text is to use sometimes the coloured drawing and sometimes the black and white one. From several communities around the river and islands, the young authors are interconnected by the uniqueness of the paths they take to arrive to and come back from school.

Keywords: Culture; Utterance; School Narrative.

¹ Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), Mestrado Profissional em Letras (Profletras). Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo, Brasil; e-mail: maricamp@usp.br

² Departamento de Língua e Literatura da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutoranda do DINTER (USP/UEPA) pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, Brasil; e-mail: crisburla@usp.br

1 Considerações iniciais

A palavra na vida, com toda a evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido.
(VOLOCHÍNOV, 2013, p. 77).

"Este deve ser o bosque", disse pensativamente [Alice], "em que as coisas não têm nomes". [...] Assim divaga dessa maneira, quando chegou ao bosque: parecia muito fresco e sombrio. "Bem, de todo modo é um grande alívio", disse ao entrar sob as árvores, "depois de sentir tanto calor, entrar sob... o quê? continuou, bastante surpresa de não conseguir lembrar a palavra. "Quero dizer entrar sob ... sob as ... sob isto, entende!", pondo a mão no tronco da árvore. "Como é que isso se chama, afinal? Acredito que não tem nome ... ora, com certeza não tem!". Ficou em silêncio um minuto, pensando. Depois, de repente, recomeçou: "Então, no fim das contas a coisa realmente aconteceu! E agora, quem sou eu? Vou me lembrar, se puder!"
(CARROLL, 2009, p. 199).

As duas epígrafes escolhidas propõem que as palavras são formas de apreender a vida. O primeiro excerto, retirado do ensaio *A palavra na vida e a palavra na poesia*: introdução ao problema da poética sociológica, de Volochínov (2013 [1926]), considera o discurso cotidiano como um dos elementos centrais para as formas artísticas e a palavra evoca a dimensão social. Essas características indicam a importância do aspecto extraverbal para a compreensão do sentido das palavras. A segunda epígrafe faz parte do livro *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, de Lewis Carroll, recuperando o momento em que Alice narra história dela dentro do mundo fantástico em situações absurdas que são entendidas à medida em que a menina se afasta dela. Sem nome a realidade não tem sentido, e como ela não sabe o seu nome, portanto, não sabe quem é.

Neste artigo, o objetivo é mostrar a relação entre texto narrativo e construção do conhecimento, o que estabelece uma conexão com os trabalhos do Grupo de Pesquisa Estudos do Discurso (Gedusp), tendo como um dos eixos teóricos os estudos voltados para a perspectiva teórica dos trabalhos de Bakhtin e do Círculo³. Ancorado na linha de pesquisa Linguística aplicada ao português, procura-se desenvolver uma metodologia linguístico-discursiva da linguagem, considerando três aspectos articulados: a) o material em que se busca uma compreensão da linguagem em seu caráter indissociável com a vida social, caso do plano da expressão, que pode conter a dimensão social; b) a forma de organização do texto narrativo, configurado no contexto singular de cada aluno ribeirinho, e como se constrói o diálogo com o momento histórico e social na expressão viva e responsiva no texto verbo-

³ Participaram do Círculo de M. Bakhtin (1895-1975), intelectuais russos como Pavel Nikolaevitch Medviédev (1891-1938) e Valentin Nikolaevich Volochínov (1895-1936).

visual; c) o conteúdo do texto, composto de palavras e desenho, recuperando a vida escolar em suas múltiplas dimensões.

A concepção de texto verbo-visual como enunciado concreto está ancorada na perspectiva dialógica do discurso, presente nas obras do Círculo de Bakhtin, e será tratada em dois momentos. No primeiro, algumas noções da teoria bakhtiniana, particularmente, enunciado concreto, cultura popular e texto verbo-visual das narrativas analisadas. No segundo momento, descrição, análise e interpretação de quatro produções de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental dos anos finais. Esse conjunto é resultado de uma proposta didática realizada na aula de português. São narrativas produzidas por R., G. e C., alunos com 12 anos de idade. Os dois primeiros moram no igarapé do “Aurá”, na comunidade Nossa Senhora do Livramento, e C. mora no igarapé do “Guarapiranga”, um braço do furo da Paciência. Eles chegam à cidade, desembarcando no porto fluvial da Praça Princesa Isabel e cruzam a avenida Bernardo Sayão, via paralela ao rio Guamá que interliga os bairros da Cidade Velha, Jurunas, Condor e Guamá (periferia de Belém).

A escola está localizada no bairro da Condor, à rua Alcindo Cacela, aproximadamente a 300 metros do porto de embarque e desembarque de ribeirinhos e de turistas em busca de conhecer as ilhas em frente à cidade de Belém. Fica numa área pertencente à Paróquia de São Judas Tadeu, e a administração escolar ocorreu, inicialmente, em regime de convênio entre a Paróquia e o Estado até 2016. A gerência exclusiva da escola passou para a secretaria estadual de educação em 2017.

Esta instituição funciona em dois turnos: manhã e tarde. No ano de 2017, foram matriculados 362 alunos nos anos finais do Ensino Fundamental. No 6º ano, matricularam-se 109 alunos, distribuídos em três turmas da manhã e duas da tarde. No período da coleta, por exemplo, a turma pesquisada contou com 25 alunos, no entanto, havia uma frequência irregular, que aumentava na época das avaliações. No dia-a-dia escolar, as turmas tinham menos alunos depois do intervalo da merenda. Os poucos que permaneciam nas turmas pertenciam às comunidades ribeirinhas, pois o retorno para casa ocorria em barcos-escola, saindo do porto às 11h45.

Os alunos dessa região são conhecidos como "ribeirinhos". Convencionou-se designar assim a população que habita as margens dos rios, onde a floresta e os ciclos das águas impõem um modo de vida diferente daquele vivido nas áreas urbanizadas. Nesse espaço de circulação institucional, a relação dialógica entre a vida e a linguagem na materialidade textual é resultado da resposta ativa de sujeitos sócio-históricos em situações concretas de comunicação. Tal pressuposto teórico nem sempre é considerado nas aulas de português, que

acabam separando a produção escrita da atividade real de comunicação. Daí a importância de levantarmos uma coleta de dados, a partir de uma proposta em que os alunos foram convidados a assumir a própria voz.

A pesquisa transcorreu nas aulas do mês de maio de 2017 com o consentimento da professora de língua portuguesa. A atividade didática contou com a participação de treze alunos e o resultado foi a produção de quatorze narrativas verbo-visuais. Quatro etapas compõem a sequência didática: (a) introdução do tema; (b) narrativa oral dos alunos contando o trajeto de casa para a escola; (c) produção escrita de narrativas verbo-visuais; (d) partilha e discussão.

Na abertura da primeira etapa, com o objetivo de introduzir o tema, a pesquisadora relatou o próprio percurso feito entre sua casa e a escola. Para melhor compreensão dos alunos, desenhou na lousa o trajeto, reunindo à narrativa oral elementos discursivos da realidade: (a) os lugares (supermercados, farmácias, nome de ruas, nome de praças, etc.), o meio de transporte usado para o seu deslocamento e o tempo transcorrido entre os dois lugares; (b) o trajeto, um acontecimento da vida real ocorrido no percurso entre a residência e a escola, trouxe as dificuldades de chegar à escola por falta de familiaridade com o lugar; (c) a seleção de estratégias de leituras usadas para localizar-se no espaço desconhecido: leitura de placas dos nomes de ruas, interação com outras pessoas para obtenção de informações, identificação de pontos de referência no trajeto, etc. Na segunda etapa, com o objetivo de recuperar a narrativa oral dos estudantes, a pesquisadora abriu a palavra para que eles contassem o trajeto até a escola, momento de muita participação. Na terceira etapa, com o objetivo de uma produção escrita do percurso já narrado oralmente, a pesquisadora distribuiu uma folha em branco. Na última etapa, as produções textuais foram socializadas em sala de aula.

Do total de textos produzidos, oito são de autoria de jovens ribeirinhos, residentes em ilhas e igarapés de Belém. Dada a criatividade e a singularidade das narrativas, selecionamos quatro como objeto de análise deste artigo: dois textos verbo-visuais produzidos por R. (Fig. 1 e 1a), um por C. (Fig. 2) e o outro por G. (Fig. 3).

2 Conceitos de enunciado concreto, texto e cultura popular na perspectiva bakhtiniana

Nessa seção, o objetivo é apresentar, sumariamente, os conceitos de enunciado concreto e texto de Pavel Medviédev, Valentin Volóchinov e Mikhail Bakhtin, uma vez que entre os pensadores do Círculo há uma clara unidade de concepção.

2.1 Enunciado concreto e texto

O conceito de enunciado é tratado por Bakhtin e o Círculo em vários trabalhos como, por exemplo em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (2012 [1928]). Nele, Medviédev trava um diálogo polêmico com o formalismo russo e apresenta uma proposta de uma poética sociológica para os estudos literários fundamentada no materialismo dialético; na criação ideológica, na compreensão do processo de comunicação social e no caráter material da obra:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 48-49).

O enunciado concreto assume as dimensões do ato social, por ser um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual –, isto é, parte da realidade social.

Qualquer enunciado concreto é um ato social. [...] Ele organiza a comunicação que é voltada para uma reação de resposta, ele mesmo reage a algo; ele é inseparável do acontecimento de comunicação. Sua realidade peculiar enquanto evento isolado já não é a realidade do um corpo físico, mas a de um fenômeno histórico. Não apenas o sentido do enunciado possui um significado histórico e social, mas, também, o próprio fato de sua pronúncia e, em geral, de sua realização aqui e agora, em dada situação social. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 183).

No contexto da produção material do ato, “a avaliação social faz a mediação entre a língua, como um sistema abstrato de possibilidades, e sua realidade concreta. A avaliação social determina o fenômeno histórico vivo, o enunciado, tanto do ponto de vista das formas linguísticas selecionadas quanto do ponto de vista do sentido escolhido” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 189). É uma forma típica do todo da obra, do todo do enunciado é o gênero como realidade material de esferas ideológicas, que se orienta para a realidade de forma dupla:

Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente orientado

para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 195).

Em *A Palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica* (2013 [1926]), Volochínov trata do conceito de enunciado na seção III⁴:

A palavra é um evento social, não está centrada em si mesma como certa magnitude linguística abstrata, nem pode ser psicologicamente deduzida da consciência do falante subjetiva e ilhada. [...] Uma enunciação concreta (e não uma abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social dos participantes da enunciação. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 85-86).

Cinquenta anos depois, Bakhtin retoma os conceitos de enunciado e texto no ensaio *Fragmentos dos anos 1970-1971*, momento em que sublinha a importância de uma metodologia para o estudo do enunciado:

O enunciado (produção de discurso) como um todo entra em um campo inteiramente novo da comunicação discursiva (como unidade desse novo campo). [...] Esse campo é dirigido por uma lei específica e para ser estudado requer uma metodologia especial e, pode-se dizer francamente, uma ciência especial (uma disciplina científica). O termo “texto” não corresponde, em absoluto, à essência do enunciado integral. Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. (BAKHTIN, 2017, p. 26).

Nessa perspectiva dialógica do discurso, o conceito de enunciado concreto indica que “existem, sempre, ao menos duas consciências em jogo, em disputa, em interação que pode ser harmoniosa, mas que, em geral, para produzir conhecimento se realiza como embate dialógico (e mesmo ideológico ...)” (BRAIT, 2016, p. 19). Assim, os conceitos de “enunciado concreto” e “texto” marcam que o texto não é somente material autônomo, exigindo que se recupere as formas de produção, circulação e recepção. O texto não se reduz à composição linguística e desvinculado do diálogo com o conjunto de signos ideológicos, mas revela um posicionamento axiológico situado num evento real de interação, daí a intrínseca relação entre língua e cultura popular.

Os textos verbo-visuais, por exemplo, produzidos pelos alunos ribeirinhos podem ser reconhecidos como enunciados concretos, uma vez que dialogam com os conhecimentos

⁴ O termo “enunciado”, traduzido para o português como “enunciação”, deve-se ao uso do texto de origem ser a tradução italiana de Rita Bruzese da obra *Il linguaggio come pratica sociale*, publicada em 1980.

prévios do interlocutor (a pesquisadora), os colegas, compondo um diálogo entre eu/outro. Nas narrativas, observamos o modo de viver de cada estudante contada numa sucessão de acontecimentos interligados no enquadramento espaço-temporal. A vida cotidiana na sua singularidade é partilhada nos múltiplos olhares dos jovens que recuperam o entorno da escola em que estudam. Eles exploram com detalhes o percurso para a escola e confrontam as duas margens do rio, marcando a relação verbal e visual, em que a margem da casa é sensorial, visual e a margem da escola é verbal, em suma, coexistem nas duas culturas.

2.2 Cultura popular

A concepção de cultura popular é abordada de modo aprofundado em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*⁵, obra escrita em 1940, e apresentada, em 1941, ao Instituto Gorki de Literatura Mundial, em Moscou, para obtenção do título de doutor, no entanto, ela só foi publicada na Rússia em 1965.

Bakhtin explora nesse livro seu projeto que não se restringe a uma compreensão isolada do conceito de língua/linguagem, mas a um campo mais amplo em que a unidade se dá pela ideia de cultura. Sua compreensão vincula-se com a realidade cotidiana e, na relação do autor com o mundo, que a cultura popular ganha seu papel principal. A análise bakhtiniana mostra na obra de Rabelais “uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado” (BAKHTIN, 1996, p. 4 - 5). O filósofo da linguagem russo busca, definitivamente, uma outra cultura, inseparável da cultura popular medieval e renascentista. Enfrenta, portanto, a descontinuidade de um “segundo mundo” dentro de um tempo histórico delimitado.

Sabe-se que sua preocupação é com a coexistência da cultura popular e examina as obras literárias na convivência das três línguas: o latim clássico, o latim medieval e as línguas nacionais. Essa convivência pressupõe que não há homogeneidade na cultura. Dada a importância de discernir mundos culturais diversos, Bakhtin considera o conjunto da obra rabelesiana, o que lhe permite distinguir a cultura oficial da época, ligada à cultura da elite e a cultura cômica popular da Idade Média onde “a vida se revela no seu processo ambivalente, interiormente contraditório. Não há nada perfeito nem completo, é a quintessência da incompletude” (BAKHTIN, 1996, p. 23). No âmbito do pensamento bakhtiniano, o que

⁵ Nos Estados Unidos, a obra foi publicada em 1968 sob o título *Rabelais and this World* pela Indiana University Press. Em Paris, apareceu com o título *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance* pela editora Gallimard em 1970.

interessa destacar desse conceito de cultura popular é a abordagem teórica que valoriza o aspecto prosaico, termo empregado por Morson e Emerson (2008 [1990]), isto é, retoma os acontecimentos cotidianos. Essa maneira dialógica de conceber a cultura já estava presente na no ensaio *O discurso no romance* (2015[1930-36], de Mikhail Bakhtin.

A partir dessa concepção de “cultura popular”, as narrativas dos estudantes do 6º ano dos anos finais do Ensino Fundamental são compreendidas como enunciados concretos que trazem a marca de uma prosaística⁶, ou seja, uma forma de valorizar as diferentes linguagens e estilos. Nos textos produzidos na Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor Azevedo pelas comunidades ribeirinhas, os espaços interferiram substancialmente nas formas de produção, circulação e recepção das narrativas, possibilitando e dinamizando sua existência como unidades significativas de sentido. Os textos preservam marcas das esferas ideológicas de origem, o que nos possibilita uma análise dialógica:

a partir dos mecanismos que o constituem, dos embates e das tensões que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seus planos de expressão, das esferas em que circula e do fato de que ostenta, necessariamente, a assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, constituído por discursos históricos, sociais e culturais (...) (BRAIT, 2010, p. 195).

A apreciação de tais particularidades garante a vitalidade da análise dialógica dos discursos que circulam nas esferas ideológicas, e dá ao analista a possibilidade de alcançar camadas de sentido do material apresentado como sistema estruturado. Ao interpretar a tensão existente entre as culturas oficial e popular presente nos textos dos alunos, isto é, entre o conhecimento valorizado na escola e o conhecimento das comunidades ribeirinhas, torna-se crucial o entendimento de cada texto e do conjunto.

Nesse contexto, a cultura popular presente nos textos é a expressão da condição histórica, social, ética e ideológica de sujeitos inacabados. A linguagem é imanente ao homem, a parte material de sua existência. Ao colocar lado a lado a cultura oficial e a cultura popular, os alunos materializam em seu percurso até a escola o interstício de dois mundos: da cidade e do campo, da cultura oficial e da popular. As escolhas estilísticas realizadas na seleção dos recursos verbais e visuais, seu posicionamento diante da realidade apresentada na situação de comunicação e a disposição dos elementos na folha em branco resultaram na materialização de suas travessias para a escola.

⁶ O termo “prosaística” é um neologismo criado pelos pesquisadores americanos Gary Saul Morson e Caryl Emerson na obra *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística* (2008 [1990]). Refere-se ao gênero romance como combinação de diferentes gêneros do cotidiano.

3 Travessia dos alunos para a escola

3.1 Às margens do rio Guamá: chegadas e partidas

Belém, capital do Pará, situa-se às margens da Baía do Guajará e foi fundada em 1616. Localizada no extremo norte do Brasil, a histórica cidade portuária limita-se com a Baía de Marajó ao norte do Estado, com o município de Ananindeua a leste, com a Baía do Guajará a oeste e com o Rio Guamá ao sul. Da sua área total, 69% é ocupada por 38 ilhas, caracterizando-se como a capital brasileira mais insular. De um total de aproximadamente 1,5 milhão de habitantes na capital paraense para o ano base de 2018 (dados retirados do sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, IBGE, 2018), residem pouco mais de 10 mil habitantes nas ilhas, às margens de rios e igarapés.

A pesquisa escolar com os alunos ribeirinhos foi realizada na região sul da cidade de Belém, às margens do importante rio Guamá, onde se capta cerca de 75% do total de água consumida na capital. As comunidades ribeirinhas que habitam as margens e os afluentes desse rio, mantêm o mesmo modo de vida das populações tradicionais da Amazônia. Vivem basicamente da extração artesanal e comercialização de frutos e sementes da floresta e da pesca.

Em Nossa Senhora do Livramento, particularmente, no igarapé do Aurá, residem dois alunos, que passam a ser denominados por R. e G.⁷, que vivem na zona continental rural-ribeirinha de Belém. É uma área de preservação ambiental, lugar relativamente isolado que, sob a concessão do Estado, foi ocupado na década de 1940, com a condição de que seu bioma fosse preservado. Desde então, famílias passaram a viver tão-somente dos frutos e sementes (sobretudo do açaí e do cacau) e da pesca (peixes e mariscos), com poucos recursos econômicos, nenhuma infraestrutura de saneamento, ausência de energia elétrica e fornecimento de água tratada. A presença de urbanização na comunidade de Nossa Senhora do Livramento resume-se a uma escola com vagas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e a uma unidade de preservação ambiental.

Outras comunidades vivem ao longo dos igarapés e furos próximos de Belém, lugar que C. reside, assemelhando-se à falta de infraestrutura básica de urbanização e isolamento em meio a floresta. A extração de frutos e sementes e a pesca, também são a principal fonte de alimentação e renda das comunidades que vivem nas margens do furo do Paciência e do

⁷ Os nomes completos foram omitidos por sugestão do Conselho de Ética da Universidade de São Paulo para não se fazer identificação dos estudantes.

Benedito. Ali, há casas de madeira construídas sobre palafitas, geralmente distantes umas das outras, o que define outras formas de sociabilidade desses grupos, os quais se mantêm sobre uma relação de profunda dependência com a área urbanizada da capital paraense.

No período colonial, ocorreu o processo de ocupação das ilhas e igarapés, como resultado de políticas imperiais que intercalaram a dominação brutal com medidas expansionista de ocupação. No século XVII, devido à invasão lusa, aconteceram assassinatos e a expulsão dos povos originários da região onde se encontra hoje a capital, obrigando-os a buscar segurança em locais mais isolados no meio da floresta. Em meados do século XVIII, houve um incentivo para o casamento interétnico para ocupação territorial do entorno de Belém, considerado como vazio demográfico (FARACO, 2016; SIMONIAN, 2010).

Desse período até os dias atuais, a reprodução da vida nas áreas de preservação e nas ilhas pertencentes ao município de Belém tem sido ameaçada. De um lado, a manutenção da lógica colonial que considera essas populações ribeirinhas como cidadãos de segunda classe. A promoção de serviços básicos e infraestrutura urbana em suas localidades lhe são negadas, estabelecendo relações de dependência dessas comunidades com o continente urbanizado. De outro, as relações de produção e as formas de exploração do capitalismo neoliberal entendem que as áreas com floresta preservada próximas a Belém, apresentam um potencial turístico e de exploração em larga escala dos recursos naturais. Empresas regionais e multinacionais (*Amazon Fruit Ltda* e *Natura*, por exemplo), ameaçam a floresta, o que é a garantia de sobrevivência das comunidades ribeirinhas (DERGAN, 2006; OYAMA, 2005). Por fim, o crescimento da cidade sem um planejamento urbano que assimile as necessidades da população, tem exposto as comunidades ribeirinhas à contaminação de rios e igarapés, por meio do despejo de esgoto sem tratamento. Nos tempos atuais, combina com a contaminação de afluentes do rio Pará por metais tóxicos, como ocorrido no caso do vazamento na barragem da mineradora *Hidro Alunorte* em Barcarena, cidade acerca de 15km em linha reta de distância até Belém.

Na literatura sobre as populações ribeirinhas dessa região, são escassas as informações sobre as mudanças provocadas pelas novas relações de produção na região, as múltiplas formas de dependência com a área urbana e como os ribeirinhos têm assimilado o impacto ambiental.

3.2 As sequências narrativas e sua relação com as marcas espaço-temporal

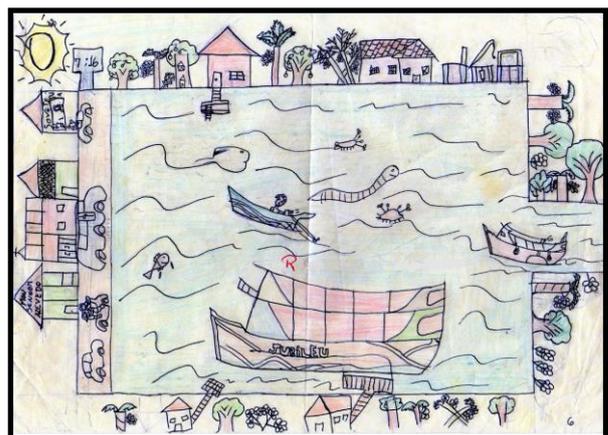
A escolha dos quatro textos abaixo é uma tentativa de compreender a visão de espaço e tempo construída na articulação entre os textos verbal e o visual. Observa-se que os textos são desenhos entendidos como enunciados concretos, uma vez que estão inscritos dentro de um projeto discursivo: a escola e o diálogo com colegas e com a pesquisadora. O texto dos três estudantes direciona o leitor para uma narrativa verbo-visual, isto é, o desenho com indicações lexicais, combina dois pontos de vista. A linguagem visual está marcada por cores e formas, expressando o espaço sensorial das florestas e dos rios e a linguagem verbal, e as palavras nomeiam os lugares, o que imprime uma entonação valorativa à trama narrativa, pois conta o percurso diário de cada aluno de ida para a escola e de volta para casa.

Figura 1 - Comunidade do igarapé do Aurá



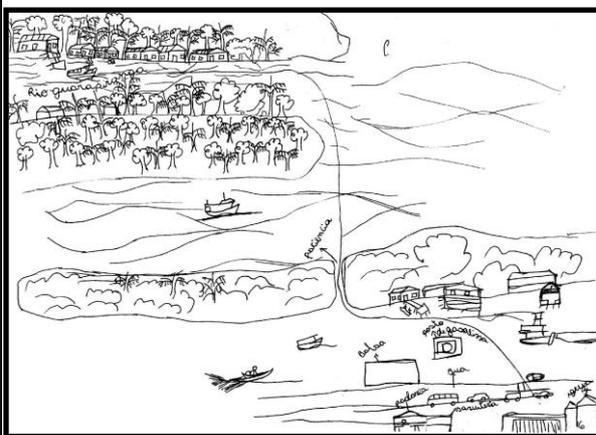
Fonte: R., 2017.

Figura 1a - Comunidade do igarapé do Aurá



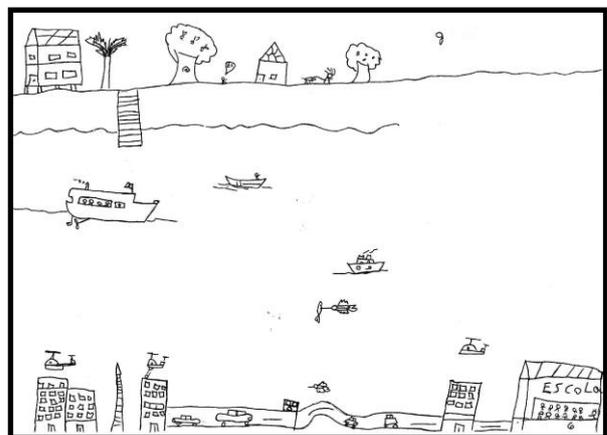
Fonte: R., 2017.

Figura 2 - Comunidade do furo do Paciência



Fonte: C., 2017.

Figura 3 - Comunidade do Igarapé do Aurá



Fonte: G., 2017.

A vida dos alunos é marcada por dois modos de existência: a cidade e a floresta. Ao lermos cada texto, nota-se que o rio ocupa o centro das narrativas, com várias embarcações e espécies marítimas, e de um lado há múltiplas imagens sensoriais indicando a mata tão bem desenhada pelos alunos, do outro, a cidade com seus prédios, aviões, escolas, sorveterias.

A sintaxe verbo-visual que enuncia o percurso casa-escola-casa, organiza-se em torno de duas realidades distintas e que tem o rio como elo. Por ele trafegam embarcações levando e trazendo os ribeirinhos das comunidades para a cidade. Do ponto de vista da materialidade, da dimensão visual, o rio assume o papel de articulador coesivo da narrativa, e as margens estabelecem a união entre as diversas pessoas que se movimentam no rio. Esse recurso estilístico visual pode ser observado nos desenhos construídos a partir de pequeninas cenas rurais e urbanas. A profusão de imagens traduz a realidade dos alunos diante das margens que no início parecem estar em oposição, mas convivem nas vidas dos estudantes. Com a presença do rio, os alunos recriam seu percurso entre as margens, e convidam os interlocutores (colegas e a pesquisadora) a se aproximarem de suas realidades modestas, possibilitando caracterizar as idiossincrasias da vida na cidade e na floresta.

3.3 Entre o sensorial e o verbal: dos igarapés e ilhas de Belém

A primeira observação a ser feita é o uso da localização de partida como um dos recursos usados pelos alunos-autores em suas narrativas verbo-visuais, isto é, a saída dos igarapés. Voltando ao *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, encontramos a etimologia da palavra de origem tupi significa “igara” ‘canoa’ e “pe” é ‘caminho’, e com dois sentidos: (1) riacho que nasce na mata e deságua em rio; (2) canal natural estreito e navegável por pequenas embarcações, que se forma entre duas ilhas fluviais ou entre uma ilha fluvial e a terra firme” (2009, p. 1044). Ao olhar com atenção os desenhos, destaca-se o rio atravessado pelas canoas percorrendo seu caminho. Ele se torna um protagonista, interligando os vários pontos da cidade.

Considerando os textos de R. (Fig. 1 e 1a), C. (Fig. 2) e G. (Fig. 3), observa-se uma organização narrativa coerente onde as cores e as formas registram o que veem diariamente às margens dos igarapés e do rio Guamá. Essas escolhas direcionam o leitor a levar em conta o ponto de vista de cada um deles, que acabam construindo os projetos discursivos policromático de R. e monocromáticos de C. e G. A vida viva entra na narrativa como unidade significativa, um enunciado que assume cores, traços, coisas e linguagem verbal como forma e material para três projetos de dizer. Nos dois textos narrativos produzidos por

R. (Fig. 1 e 1a), observa-se que o aluno dá forma a uma sequência narrativa com ênfase nos deslocamentos socioculturais e, portanto, desdobramentos de um eu biográfico comprometido com a situação social.

Na primeira parte da narrativa (Fig. 1), R. está no igarapé do Aurá dentro da pequena embarcação, curiosamente designada “é do rio”, um sintagma preposicional com valor circunstancial de lugar que mantém correspondência semântica com a origem tupi da palavra “igarapé” (igara- ‘canoa’ e -pe ‘caminho’); o percurso ocorre ao longo de uma estreita faixa de água cercada por vegetação (de cores e formatos variados) e construções (algumas sobre palafitas e todas com um porto de madeira). Nesta narrativa, a linguagem verbal assume sentido referencial e identifica esferas ideológicas: “u.p. nossa senhora/sinhora dos navegante [sic]” (unidade de preservação Nossa Senhora dos Navegantes) e a “assembreia [sic] de Deus”.

O aluno elabora seu texto narrativo, especialmente, com o léxico que se refere a lugares designa nomes próprios e comuns como “escola Monsenhor Azevedo”, “sorveteria” e “Jubileu” para um barco. Revelam-se vivências sociais com a escrita em diferentes agências de letramento existentes no rio e na cidade de uma rua. Ao registrar os nomes dos lugares em sua comunidade, o aluno deixa vestígios de suas estratégias cognitivas à assimilação da escrita ainda em processo de estabilização, ora grafando a palavra “senhora” ora “sinhora” o mesmo ocorrendo com a palavra “assembreia”, em que há variação de língua.

O substantivo “jubileu” tem etimologia no latim *jubilaeus*, i 'grande festividade judaica de 50 em 50 anos' assumindo quatro sentidos. 1 na antiguidade hebraica, solenidade pública celebrada a cada 50 anos, quando as dívidas e penas eram perdoadas e os escravos libertos. 2 entre os católicos, indulgência plenária concedida pelo papa a intervalos regulares (atualmente a cada 25 anos) e, por vezes, em ocasiões de aniversários e fatos religiosos importantes. 3 Derivação: por metonímia. solenidade em que é concedida esta indulgência. 4 festas celebradas por ocasião do cinquentenário de um fato marcante”. (HOUAISS, 2009, p. 1136).

A referência ao barco Jubileu traz um signo ideológico que compõe o universo de signos da comunidade de R., ou de seu grupo familiar. Começa-se a desatar os fios da trama narrativa que dialoga com vários discursos do mundo real. No texto verbo-visual, as caracterizações do aluno-autor a partir de suas vivências cotidianas, incorporam novos sentidos aos enunciados Jubileu e “é do rio”, nesse contexto discursivo em que nomeia os barcos. Quanto à “sorveteria”, o nome da escola, da igreja, da unidade de preservação e do relógio que marca 7 horas e 16 minutos, são eventos da vida: os números demarcam o horário

de desembarque nessa margem do rio Guamá, onde a rua com carros, relógio, sorveteria, igreja revelam o lugar da cultura oficial, dispostos como o tempo e o espaço da escola.

Na Figura 1a, o aluno escolhe a margem esquerda da página para materializar visualmente acontecimentos da vida que se passam na cidadezinha de uma rua. Se observamos o modo como o narrador instaura um fato comum na vida do aluno, notamos a gama de detalhes ao apresentar o caminho percorrido entre o porto de desembarque e a escola –, e nas outras três margens a vida no campo – predominando cenicamente as palmeiras (de açai, pupunha, bacaba, tucumã e buriti), árvores frutíferas (cupuaçu, taperebá, bacurí, etc.) plantas (ervas medicinais para os povos da floresta), flores, etc. Há poucas casas (cada uma com seu porto de madeira em forma de T) e uma construção identificada como a usina de tratamento de água da cidade que capta água do rio Guamá. Ao narrar o percurso entre sua casa e a escola, R. apresenta a sociodiversidade amazônica de uma cidade que cresce entre ruas e rios.

Algumas sinalizações quanto aos aspectos estilísticos presentes nas narrativas de R. (Fig. 1 e 1a) organizam a forma do desenho: o primeiro elemento e mais imponente é o rio, que funciona como um operador coesivo, contribuindo para construir uma comparação entre as diferentes realidades (do lado de cá e do lado de lá), e acaba por resgatar, na linguagem visual sensações advindas de outros sentidos, criando sinestésias. Os operadores narrativos compostos pelas imagens de animais marinhos com diferentes formas, texturas, cores e cheiros, e os traços ondulados que simulam os ciclos das marés com seu balanço e destino: ora correndo para a nascente (enchente), ora agitando-se rumo a sua foz (vazante), remetem às sensações que aproximam o interlocutor do modo de vida dos povos da floresta submetidos ao regime de marés.

Na trama verbo-visual articulada no projeto discursivo de R., a reprodução de uma floresta envolvendo a cidade por todos os lados, estabelecendo uma relação semiótica com o espaço em que o aluno vive. Por estar localizada no meio de um extenso igarapé que deságua no rio Guamá, a localidade onde o jovem mora está cercada pela floresta, pelos cheiros, cores, diferentes formas da vegetação e o balanço da maré: o espaço e o tempo da cultura popular dos povos da floresta.

O projeto cênico monocromático de C. e G. dá forma aos enunciados concretos, enunciando as peculiaridades de trajetos que percorrem no rio e que ligam margens, dispostas em planos que ocupam as partes inferior e superior da página. A narrativa de C. (Fig. 2) transcorre no percurso da comunidade ribeirinha no interior da ilha do Murutucu, isolada em um local coberto por densa manta florestal. Desde o rio Guarapiranga, um braço do furo do

paciência - limite fronteiroço entre as ilhas do Murutucu e do Combú, e principal via de acesso para Belém das comunidades mais isoladas situadas naquela região -, a recriação das margens ribeirinhas e da margem citadina urbanizada está subscrita na ocorrência/ausência do verbal e do visual, compondo um enunciado concreto verbo-visual em que o visual remete à natureza ribeirinha de Belém e o verbal à região urbanizada desta cidade.

Na narrativa de G. (Fig. 3), a tensão entre a cidade e o campo, cultura oficial e popular, aparece bem demarcada, são margens dispostas uma em frente à outra. Da margem ribeirinha uma exclamação "ei!". O espaço maior do texto narrativo é dado para o rio, sinalizando à incomensurável distância entre dois polos. No meio, o extenso rio Guamá, ao mesmo tempo separa e une, pois é a principal via de trânsito das comunidades ribeirinhas até a cidade, traslado realizado nas embarcações que navegam em diferentes direções. Nas narrativas de C. e G. o rio é opaco, mas sobre ele navegam barcos de diferentes tamanhos e formatos: canoas, balsas, embarcações de pequeno, médio e grande porte.

Na margem superior, G. reproduz duas casas (uma delas sobre palafitas, arquitetura milenar dos povos que habitam a beira dos rios, criada como alternativa para as mudanças cíclicas das águas que sobem e baixam constantemente), também é possível identificar três árvores (uma palmeira e duas árvores carregadas de frutas), há um cachorro e dois indivíduos, um deles exclama "ei!". Neste contexto discursivo, o único registro verbal usado pelo aluno para compor a margem ribeirinha, remete a uma forma própria da variedade oral usada para chamar a atenção do outro. No enunciado concreto, essa voz recria uma situação de comunicação, de interlocução entre autor e leitor: da outra margem existe alguém que convoca um interlocutor.

Na margem inferior, as imagens selecionadas enunciam um ambiente dominado pela técnica, dois pássaros pescam entre três helicópteros. À direita, o verbal identifica a escola, onde há um espaço que reproduz a arquitetura de uma sala de aula, o lugar da cultura formal. Adiante, a vida acontece em uma única e longa avenida onde transitam veículos a se deslocar entre prédios de vários andares e uma antena de transmissão.

Três tipos de narradores estão a caminho da escola. Todos chegaram à escola, mas cada um partiu da sua comunidade e fez a sua travessia. Cada autor escolheu um ponto de vista para narrar o seu trajeto, o que aponta para localizações diferentes a partir do mesmo rio. A cultura que chega à escola é a cultura ribeirinha, repleta de um mundo da floresta e do povo que lá habita e fala do seu mundo. A cultura escolar que retorna às comunidades ribeirinhas é a apropriação da cultura formal. Esse ir e vir recria uma nova cultura ribeirinha atualizada

com a cultura oficial, uma relação que se estabelece em um processo dinamizado nas interações cotidianas, fortuitas e ainda não estabilizadas pela cultura oficial.

A reconstituição das travessias feitas pelos alunos ribeirinhos entre a casa-escola-casa é a expressão de relações histórico-materiais, em que o enunciado concreto é a materialização das relações dialógicas entre as vozes sociais que compõem as narrativas. Ao recriar a vida no entrelugar da vida urbana e ribeirinha de Belém, R., C. e G. atualizam e dinamizam à perspectiva sociocultural de Belém do Grão Pará. A cidade que surge nas margens alagadiças da Baía do Guajará cresce em direção à terra firme, e acaba negando três séculos a sua natureza ribeirinha. Dessa natureza renegada, os estudantes partem rumo ao domínio da cultura oficial, desembarcam em “terra firme” e agem ativamente sobre ela.

4 Considerações finais

A partir da perspectiva dialógica da linguagem, foi possível identificar nos textos verbo-visuais as condições de produção, de interlocução dos alunos, que trouxeram diferentes pontos de vista sobre variações em torno do mesmo tema: percurso entre a casa e a escola. Os estudantes fizeram um recorte da vida, um produto de sua atividade responsiva na materialização da “outra margem”: a vida vivida na escola de Belém, um lugar entre margens. A sequência, quase que por oposição apresenta: em uma margem ruas, carros, motos, helicópteros, edifícios, antena de transmissão, semáforo, relógio chegada na escola (seu destino diário). Em outra margem é onde a vida acontece dominada pela biodiversidade amazônica, indicando sua ligação com a cultura dos povos tradicionais, para quem a floresta assume significados sociais ao garantir a sua sobrevivência (remédio, alimento, moradia, transporte, etc.).

Assim, os estudantes articulam os recursos verbo-visuais, sinalizando à dupla orientação do texto na realidade, e associam elementos verbais e visuais (cores, traços, desenhos, palavras e sua disposição espacial na página) de maneira a criar elos com a realidade em sua volta. A realização do enunciado concreto é produto da atividade responsiva dos jovens ribeirinhos que para realizar um recorte da realidade, precisaram avaliar a situação de comunicação e seus interlocutores.

A autoria e o estilo dos enunciados concretos emergem do lugar de enunciação desses jovens, confrontando sua identidade cultural com o mundo a sua volta. Dessa maneira, os estudantes partem de sua avaliação social para imprimir recortes à realidade cotidiana. Diante da carga de espontaneidade expressa nos desenhos, a linguagem verbal empregada tem a

capacidade de revelar os processos de cultura e, ao mesmo tempo, de denunciar as relações conflituosas entre a cultura popular e a cultura da escola. Com frequência, a aula de português abre pouco espaço para a fala popular que chega pela voz dos alunos como, por exemplo, nas marcas de variação linguística. Essa constatação implicaria perguntar: como abrir espaço para a cultura dos estudantes ribeirinhos? Essa questão exige outra pesquisa porque há dois sistemas ideológicos em disputa onde o rio Guamá, como elo de ligação, é parte material da tensão entre realidades dialogicamente diversas.

Referências

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1996.

_____. O discurso no romance. In: _____. **Teoria do romance I: a estilística**. Trad., prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Org. da edição russa de Sergei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: editora 34, 2015, p. 17-241.

_____. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: _____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Org. Trad, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa S. Botcharov. São Paulo: 34, 2017, p. 21-56.

BRAIT, B. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, R. O. (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016, p. 13-30.

_____. Tramas verbo-visuais da linguagem. In: _____. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 193-228.

BRASIL. IBGE. **Pesquisa do estado do Pará, local Belém**. Indicadores selecionados. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>. Acesso em 01/09/2018.

CAROLL, L. In: **Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DERGAN, M. B. **História, memória e natureza: as comunidades da ilha do Combu-Belém-PA**. 2006. 174f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2006.

FARACO, C. A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2016.

HOUAISS, A; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1136.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008 [1990].

OYAMA, A. et al. **Sistema de produção do açaí**. Embrapa Amazônia Oriental. Belém: Embrapa, 2005.

SIMONIAN, L. T.L (org.). **Belém do Pará**: história, cultura e sociedade. Belém: Editora do NAEA, 2010.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad., notas e glossário Sheila Grillo; Ekaterina Vólkona Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, V.N. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema a poética sociológica. In: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Org., Trad e notas João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 71-100.

Data de recebimento: 31 de maio de 2018.

Data de aceite: 23 de julho de 2018.